

A LENDA DE DONA PAULA (PANAJIT – GOA – ÍNDIA)

por

Ana Paula Fitas*

Resumo: A Lenda de Dona Paula constitui uma narrativa que reflecte o modo como, apesar das mudanças sociais e religiosas, é preservada a continuidade cultural.

Palavras-chave: Lendas; cultura; religião.

Abstract: Dona Paula's legend performs a narration which reflects the way how cultural continuity can be preserved in spite of social and religious changes.

Key-words: Legends; culture; religion.

Dona Paula é o nome do cabo de mar mais próximo a sul de Panajit, capital do estado de Goa, a ex-Nova Goa que substituiu a Velha Goa – transformada hoje em monumental recanto do património edificado do Império Português no Oriente até ao fim da primeira metade do século XX. Depois de Mandovi, o rio “amazónico” do estado de Goa, quando se sai de Panji passando junto à costa, ao longo de Miramar, chegamos a Dona Paula onde se quebra a planície marítima pelo dobrar da margem até à ponta da praia onde a baía se abre para se fechar depois, em cabo... Cabo onde, na capela aí debruçada sobre o mar, ao lado de N^a Sr^a do Cabo, se encontram, à direita do altar-mor, a imagem de St. Paula e o túmulo de Dona Paula.

Dona Paula é um romântico recanto sobre o mar, um cabo de terra entre baías cujo nome encontra justificação em lendas significativamente sobrepostas segundo uma estrutura que se apresenta com elementos desenvolvidos em variantes cuja diversidade remete para a história do espaço social e cultural regional.

* Doutora em Estudos Portugueses-Cultura Portuguesa do Século XX; Docente no Instituto Superior de Serviço de Beja; Investigadora no Instituto Mediterrânico – UNL.

Na realidade, a estrutura comum a todas as versões recolhidas sobre o tema implica: uma mulher que decide e se opõe ao sistema patriarcal, um homem cujas características (estatuto socio-económico e estado civil nas duas versões mais correntes da lenda) o tornam *desestabilizador* da ordem social, o castigo face à desordem social que os actos individuais introduzem numa dada comunidade, a reacção ao autoritarismo e a liberdade individual, a beleza, a pesca, o mar, a água e as rochas.

Quanto às variantes, registamos as seguintes: o objecto da resistência feminina (pai/marido), os interditos masculinos socio-económicos e civis (filho de pescador/nobre casado), a não concretização dos desejos femininos (pela morte ou a vigilância permanente sobre a figura feminina), a representação da morte (suicídio por afogamento, homicídio por afogamento, falecimento precoce após submissão) e da imagem *post-mortem* (reconhecimento da bondade de doações; a mulher nua que emerge no mar ao luar; a mulher nua, aparecida à noite no mar, com um colar de pérolas; a transformação da mulher em rochedo com uma pérola no meio; a aparição de uma mulher nua com um colar de pérolas acompanhada de um cônego – visto também de modo diverso da lenda como amante ou perseguidor da mulher)...

Dona Paula de Menezes e Dona Paula Iria de Corte Real Sampaio, duas mulheres portuguesas que marcaram o imaginário colectivo e nele se fundiram, inscritas no fundo simbólico da cultura local habitaram a região...

Dona Paula de Menezes, filha do Governador de Jafinapatam, Amaral de Menezes, casou com o fidalgo Dom António de Souto Maior que vivia em Ribandar e que possuía uma vasta área rural que ia de Dona Paula, pelo cabo, até Carazalem e que integrava a igreja chamada Mitra (ainda propriedade da Igreja). Dona Paula morreu a 21 de Dezembro de 1682; o registo da sua morte encontra-se na inscrição funerária na cripta da Capela do Cabo dedicada a N^a Sr^a do Cabo, no extremo do mesmo. Vale a pena registar outros factos conhecidos à volta da história da protagonista, designadamente, o da existência e papel do seu cunhado, padre, que construiu as capelas de S. Pedro e de N^a Sr^a do Rosário em Carazalem em 1681... e o de Dom António de Souto Mayor ser dono de metade de Panajit desde o Palácio do Bispo até Carazalem, por Miramar e Dona Paula, segundo o cronista Gaspar Dias e o escritor-investigador Mário Cabral e Sá. Dona Paula Amaral de Menezes e Souto Maior ficou conhecida pela sua bondade como filha de um governador e esposa de um poderoso fidalgo, ambos portugueses.

Outra personagem histórica que aí habitou foi Dona Paula Iria de Corte Real Sampaio, também no século XVII, nascida em Goa como aliás o seu próprio pai, o Vice-Rei português, Manuel de Corte Real que governou Goa de 7 de Novembro de 1668 a Maio de 1671. Dona Paula Corte Real casou com o 25^o Governador de Goa, Dom Miguel de Almeida, que exerceu esse cargo até à sua morte ocorrida no res-

pectivo escritório, entre 1690-1691, no palácio onde vivia o casal, em Velha Goa.

Um outro facto, referido por Prajal Sakhardande (em artigo publicado sob o título “Enigma de Donapaula” no jornal goês *Nahvind Times*, de 19 de Maio de 2001) designa o também conhecido por Cabo de Dona Paula por Cabo Raj Niwas e refere-se à existência da chamada Gruta de Santa Paula que assinala o supra-citado culto a St. Paula (cultuada a partir do século IV por ter dedicado a vida à evangelização abandonando a família, marido e filhos, para ir para a Palestina).

A efabulação da Lenda de Dona Paula tem outro elemento de relevância no facto de, 200 anos depois da sua morte, Gaspar Dias, posterior proprietário das terras de Miramar (outrora de António de Souto Mayor e Dona Paula de Menezes), afirmar que a via emergir do mar, nua e adornada apenas com o colar de pérolas que o amante lhe ofertara.

Outro dos efeitos recorrentes numa lenda onde realidade e mito se cruzam ao longo do tempo e de uma história repetida, diversa mas persistentemente, foi também registado por P. Sakhardande: as duas estátuas de mármore que se erguem numa das rochas do promontório de Dona Paula representam o casal constituído por Robert Knox, o filósofo alemão e sua esposa; essa representação sugere, conforme a interpretação de muitos e dado o facto da cabeça feminina estar virada a Oeste e a masculina a Este, a dupla identidade goesa luso-indiana... Contudo, uma interpretação popular das estátuas atribui-lhes a representação de Dona Paula e de Dom António sendo a respectiva postura, nesta interpretação, símbolo da tensão emocional e afectiva que os opunha...

Esta observação é particularmente interessante no contexto de uma das versões populares da lenda que afirma ter Dona Paula um amante enquanto Dom Antonio persistia em a manter como esposa apesar da resistência da senhora (fundamento que justifica na versão popular a postura corporal denotada na referida escultura)... Outra versão atribui a Dona Paula um caso amoroso com um importante homem nobre, casado, cuja esposa, ao descobrir o caso, mandou que a amarrassem e lançassem ao mar...

Outra, refere-se à história de um enamoramento entre Dona Paula e o filho de um pescador e à interdição paterna desse amor que terá justificado o suicídio da jovem...

Uma outra, refere um caso amoroso com um cónego... esta versão apresenta uma recorrência relativa à representação persecutória do cónego que vigia a eterna condenação de Dona Paula de ser perseguida, *post-mortem*, para ser vigiada, por ele próprio, cónego da Inquisição, a ordens da esposa do amante e dada a insistência da condenada em, do mar, emergir em busca do seu amado...

Finalmente, temos ainda a considerar a versão lendária do imaginário colectivo que diz que Dona Paula se transformou em rochedo no meio do qual permanece

a mais bela de todas as pérolas e a da memória oral que diz que quem olhar Dona Paula com o cónego ao lado quando aparece, nua, nas noites de luar, sobre o mar com o colar de pérolas, fica cego... Conta o povo que um pescador, conhecendo esta história, resolveu no seu barco, em pleno mar, aguardar a aparição de Dona Paula pensando que, para evitar cegar, deveria tapar um dos olhos no momento em que olhasse a aparição, por precaução... conta a versão popular que o pescador terá cegado mas, apenas de um olho...

A análise estrutural das diferentes versões da lenda de Dona Paula propõe-nos uma série de interrogações: porque cega o pescador? Pela visão indiscreta do corpo nu de Dona Paula? Por castigo do cónego à ousadia desse olhar indiscreto? Porque coexiste persistência da aparição feminina com a vigilância inquisitorial dos interditos masculinos? A visão inquisitorial recorda a permanente vigilância sobre o comportamento feminino? Porque se manteve esta história e a sua referência na história local? Que factos históricos correspondem a cada efabulação? Como e qual a razão pela qual se justifica a sobreposição de resíduos de histórias de personagens diferentes na construção da lenda? Porque se associam figuras históricas existentes em tempos tão diversos como o século IV (Santa Paula) e o século XVII (Dona Paula de Menezes e Dona Paula de Corte Real Sampaio) no imaginário que envolve a lenda? Porque coexistem no espaço (Capela do Cabo) vestígios de Santa Paula e Dona Paula de Menezes? Porque se associam bondade, resistência à ordem masculina, amor e morte na sua história como mito estrutural e comum às diversas versões? Porque se insiste na tentativa de decifração da lenda cujo impacto tem reflexo significativo na toponímia?

As aparições de Dona Paula remetem os imaginários culturais, respectivamente Hindu e Português, para os arquétipos que os caracterizam, a saber: a figura feminina envolvida num ambiente mágico e sobrenatural a que se associa o conceito de *aparição* enquanto reflexo de existência *post-mortem*... um arquétipo que encontramos sob a forma de moura encantada na cultura popular portuguesa, ibérica e mediterrânica e no conceito de existência *post-mortem* comum, às culturas portuguesa e hindu.

Podemos por tudo isto dizer que a Lenda representa o sincretismo regional das tensões sociais e culturais locais e regionais: o estatuto feminino como objecto do controle social masculino, a importância das relações de parentesco designadamente no que se refere à relação pai/filha e/ou marido/esposa, a correlação de forças entre liberdade individual e regras sociais, a representação social do binómio que associa o amor à desobediência (como se o amor fosse elemento de – potencial – desordem

social), a doação de terras e o regime de propriedade eclesiástica (Mitra) e nobre (terras de Dom António de Souto Mayor) e a sua doação (terras doadas por Dona Paula), a relação social entre culturas, grupos sociais, castas ou etnias diferentes...

Curiosamente, no plano analítico, a cultura local faz coincidir estas histórias no território entre Panajit e Carazalem, integrando as áreas de Miramar (onde o culto à representação feminina do sagrado estava presente) e da igreja de Mitra (cujo nome reflecte a cultura religiosa local – mitraísmo – anterior à cristianização espacial do território e cuja continuidade se revê, no hinduísmo, nos cultos a Nandi e na veneração popular generalizada das vacas que o próprio Shiva, na mitologia hindu, protege).

A Lenda reflecte a associação cultural no tempo entre os cultos de Mitra e os dirigidos à Deusa-Mãe segundo uma antropomorfização do processo de construção cultural da relação entre os géneros expressa na Idade Moderna sob o relato sincrético da assimilação cultural cristã: duas mulheres portuguesas (estrangeiras, diferentes dos autóctones residentes localmente) com uma história onde a determinação contra o domínio do outro se opõe à liberdade individual – questão levada ao extremo de ser coroada com um final onde a morte por homicídio ou suicídio (rejeitada pela Igreja Católica) é a solução que coincide com a atitude individual.

Na realidade, a Lenda de Dona Paula remete para o culto de Mitra característico da cultura da Antiga Pérsia e para as representações da religiosidade hindú do boi Nandi através da referência à história cultural do espaço da sua influência (e que corresponde, por um lado, à propriedade de António de Souto Mayor e da Igreja e, por outro, à doação senhorial dessas terras pela própria Dona Paula).

A persistência da associação narrativa ao espaço local é o elemento que dita a acumulação das diferentes versões da Lenda... o facto teve continuidade cultural a partir do fenómeno dos cultos à Deusa-Mãe e a Mitra até, explicitamente, ao enunciar da dissertação de Gaspar Dias sobre os seus amores pela aparição de Dona Paula. Mais do que continuidade cultural com reflexos no espaço, a Lenda, dada a sua natureza plural em termos de versões, reflecte ainda de forma evidente a mudança social e cultural dos cultos dominantes naquele espaço regional ao longo da História... Deusa-Mãe, Mitraísmo, Hinduísmo, Cristianismo... Sincretismo religioso-cultural, a Lenda de Dona Paula reflecte metaforicamente, na versão em que se transforma em rochedo com pérola no seu seio, a interpretação budista da condição humana: concentração, firmeza, determinação e bondade... acrescente-se que, no estado de Goa, os vestígios arqueológicos atestam a presença do Budismo e que a tradição afirma que Buda aí esteve por 3 vezes e aí visitava o seu dilecto discípulo, Puna...

Além da coexistência da Lenda de Dona Paula com o espaço religioso local e o culto a Santa Paula (que também introduziu a desordem no sistema social com o

abandono do marido e dos filhos em nome da fé cristã que a levou para a Palestina), as principais versões da lenda são:

1. Dona Paula apaixonou-se, contra a vontade de seu pai, pelo filho de um pescador com quem se encontrava na praia até o pai decidir que ela casaria com outro homem e ficaria para sempre impedida de encontrar o seu amado. Como manifestação do seu repúdio e total discordância pela proposta do pai, Dona Paula suicidou-se, atirando-se ao mar. Uma versão recorrente desta remete para a transformação de Dona Paula em rochedo cujo interior guarda, semi-oculta, uma pérola.
2. Dona Paula era casada com um fidalgo muito rico mas, tomada de amores por outro homem que lhe ofereceu um colar de pérolas de que nunca se separava, decidiu suicidar-se, lançando-se, de noite, ao mar;
3. Dona Paula era amante de um fidalgo muito rico que lhe oferecera um magnífico colar de pérolas; a esposa do fidalgo, tendo descoberto o caso, mandou amarrar Dona Paula e lançá-la ao mar;
4. Por instigação da esposa do fidalgo amado, Dona Paula foi morta às mãos da Inquisição cujo cónego instrutor a acompanha sempre, como uma maldição, mesmo nas suas aparições *post-mortem*;
5. Dona Paula foi amante de um cónego que lhe jurou amor eterno e a acompanha onde aparece.

Nas versões da Lenda que factos remetem para Dona Paula de Menezes e quais os que nos conduzem para Dona Paula Corte Real? Por que foi escolhida Santa Paula para ser cultuada na capela do Cabo?

Cada uma das versões dá origem a uma série de analogias e interrogações: a lenda dos amores com o filho do pescador no contexto da afirmação feminina e da sua aparição *post-mortem* inscreve-se, como já referimos, no perfil das mouras encantadas do sul mediterrânico em particular o sul de Portugal; a morte violenta por amores proibidos e a memória do sacrifício na inscrição tumular na igreja e na evocação da bondade por doação de terras evoca, na memória colectiva da cultura portuguesa, os casos da Rainha Santa e de Inês de Castro em Portugal; a presença do cónego como figura marcante da Inquisição remete, por um lado, para a questão do controle social eclesiástico e do poder aliado de clero e nobreza próprio da sociedade local – e para o papel da resistência cultural ao poder dominante, no caso, nobre e eclesiástico – bem como para o controle institucional masculino dos comportamentos femininos...

O tema da mulher que contraria as determinações masculinas e prefere suicidar-se a submeter-se a uma obediência que ignora os desejos e imperativos ditados pela liberdade individual remete-nos para a memória de lendas portuguesas como a de Menha em Juromenha. Aí, no castelo de Juromenha, viviam Menha e o irmão que lhe propôs casamento para se apoderar da parte do seu património... Menha, sem outra possibilidade de acção, ter-se-á lançado da torre do castelo...

Anote-se ainda que, a aparição nocturna, ao luar, da figura feminina que encanta (e simbolicamente cega) os homens é, como dissemos, recorrente entre as Moiras encantadas dos lugares, das histórias e dos contos do imaginário popular português... A glorificação da memória da mulher sacrificada injustamente tem também precedentes na história portuguesa no episódio de D. Inês de Castro.

A Lenda de Dona Paula é, como foi dito, sob determinada perspectiva, uma narrativa que reflecte a resistência cultural e a mudança social do espaço que se constitui como sua área de influência... Do sagrado feminino aos cultos de Mitra, de Santa Paula (a santa cristã) e ao de N^a Sr^a do Cabo, Dona Paula é hoje o nome de um território que integrou as ficções históricas de Paula de Menezes e de Paula Corte Real uma vez que os episódios de que foram protagonistas eram compatíveis com o imaginário tradicional local.

A Lenda de Dona Paula ilustra a dinâmica de construção, transmissão e actualização do pensamento simbólico (referencial, metafórico e analógico) inerente às lendas na medida em que denota uma sobreposição temporal de narrativas, sendo esta sobreposição revitalizadora de uma Lenda que vai mantendo, apesar disso, a mesma estrutura de significação que acima referimos.

De certo modo, esta é uma lenda que revela o modo de integração da aculturação em variantes formais que não alteram o essencial que é, no caso, uma determinada representação social da mulher capaz de persistir nas suas determinações apesar dos interditos sociais.

A representação escultórica do casal alemão Knox no promontório do Cabo e a associação que imediatamente se produziu com uma espécie de versão apaziguadora da Lenda, atribuindo às estátuas as identidades de Paula de Menezes e António de Souto Mayor demonstram o quanto a efabulação está presente em relação ao espaço e quanto a essência da narrativa terá sido progressivamente alterada até coincidir com a imagem de uma mulher simplesmente rica e bem-casada dotada de preocupações sociais capazes de justificar a doação de terras... O facto é tanto mais notório quanto as estátuas dos Knox foram edificadas em 1961, ano em que Goa passou a integrar a Nação Indiana de pleno direito...